

Aula 10

A RESENHA COMO INSTRUMENTO PARA A CRÍTICA LITERÁRIA

META

Conhecer os mecanismos para a elaboração de resenha no âmbito da academia ou fora dela

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar os pressupostos para a elaboração de uma resenha;
distinguir a resenha acadêmica da resenha jornalística;
reconhecer a resenha como um dos exercícios críticos eficazes para leitura e divulgação de textos literários;
elaborar uma resenha sobre livro indicado ou de livre escolha

PRÉ-REQUISITOS

Releitura da Aula 2 da disciplina Crítica Literária

Jeová Silva Santana

INTRODUÇÃO

Vimos, até aqui, algumas proposições de como se aplicar o referencial teórico visto em boa parte das aulas de Crítica Literária. Nesse último encontro, desejo incentivá-los ao uso de um instrumento importante no âmbito da leitura e da crítica: a resenha. Trata-se de um tipo de texto que tem como objetivo apontar as qualidades e possíveis defeitos de uma obra. É uma forma textual que se pratica tanto no ambiente acadêmico quanto fora dela. O jornalismo, por exemplo, é uma das esferas, além da academia, em que a resenha faz-se presente. A diferença entre ambas fica limitada a alguns aspectos estruturais, pois em relação ao conteúdo têm a análise crítica como principal objetivo. Para Andrade (1995, p. 61) a resenha é um “tipo de resumo crítico, contudo mais abrangente: permite comentários e opiniões, inclui julgamentos de valor, comparações com outras obras da mesma área e avaliação da relevância da obra com relação às outras do mesmo gênero”. Esta autora também considera a resenha uma atividade para professores e especialistas no assuntos das obras. É um tipo de exercício presente nos cursos de pós-graduação, como preâmbulo para trabalhos mais complexos (monografias, dissertações e teses).

Assim, se essa é uma prática à espera de quem não vai parar na graduação, não custa nada colocá-la em cena depois de tantas propostas de investigação literária. Nesse caso, talvez seja um tipo de exercício que pode levar o graduando por outros caminhos que não sejam somente os da universidade. Cabe-lhe, então, conhecer esse tipo de produção textual que contém essas características básicas:

(...) um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração, dissertação. Estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física da obra), relata as credenciais do autor, resume a obra, apresenta suas conclusões e metodologia empregada, bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem a obra se destina (dissertação) (MEDEIROS, 2004, p. 159).

A resenha está incluída entre os textos que têm como principal objetivo trazer informações puras para o leitor (VANOY, 1985, pp. 74-5). Nesse tipo de texto não se faz presente nem o emissor nem o receptor. Usa-se uma linguagem em terceira pessoa. Tende-se, assim, para certa neutralidade. Esta tem suas limitações, já que a organicidade do texto denuncia a intenção de quem o escreve.

Em termos de estrutura, a resenha jornalística pode ser menos extensa que a acadêmica. Esta, além de maior, permite a inclusão de notas e até

de referências bibliográficas. Só a título de exemplo, a Revista Brasileira de História da Educação (2001), editada em São Paulo, assim estabeleceu as normas para publicação de resenhas: “de 8 mil a 15 mil caracteres com espaços (de 4 a 8 páginas)”. A resenha crítica também é denominada recensão crítica. Em relação a ela, também existem determinações da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas):

(...) por meio da NBR 6028:1990, denominou a resenha de resumo crítico. Seu objetivo é oferecer informações para que o leitor possa decidir quanto à consulta ou não do original. Daí a resenha dever resumir as ideias da obra, avaliar as informações nela contidas e a forma como foram expostas e justificar a avaliação realizada (MEDEIROS, 2004, p.159).

Observe agora os dois tipos de resenha comentados até agora:

1. Resenha jornalística:

Bazar de alucinações

BUARQUE, Chico. Budapeste. SP: Companhia das Letras, 2003, 176 p.

*Por Jeová Santana

O novo livro de Chico Buarque não merece destaque apenas pelo aspecto gráfico, que inclui nome do autor em relevo na capa, ficha bibliográfica deslocada para o final do livro, título dos capítulos retirado do corpo do texto, ausência de recuo na margem dos parágrafos que abrem os capítulos, fragmento, na quarta capa, com o nome do narrador em húngaro, e que pode ser lido diante de um espelho.

Depois de Estorvo e Benjamim, o autor mostra cada vez mais afinidade com esse gênero ficcional que, negando expectativas de declínio, afirma-se como um dos melhores porta-vozes da alma. Nesse sentido, percebemos que há continuidade em relação aos livros anteriores nos quesitos pesadelo, alucinação, estranhamento. Estes, porém, agora vêm tingidos por pitadas de humor e erotismo. Na nova trama, temos uma delicada declaração de amor às palavras, paralela à visão dos encontros e desencontros que elas provocam, ao lado das limitações como instrumentos para explicar as desavenças desses tempos marcados pelo espírito da segregação e da perda de referências. Nesse sentido, é providencial que as ações do romance sejam feitas entre a luz espetacular do Rio de Janeiro e a luz amarela de Budapeste. Entre elas, move-se a estória de José Costa, um

publicitário que vive para escrever textos para políticos, empresários, artistas e instituições, é casado com Vanda, uma apresentadora de telejornal noturno, e tem um filho com afasia.

Na biografia de Chico Buarque consta a paixão juvenil em construir cidades. Para isso, ele chegou a arriscar alguns meses na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo _ USP). Esse tema aparece de modo explícito em seu último CD, *As cidades*, no qual algumas canções tocam em questões como a síndrome dos deslocamentos que, no caso brasileiro, provocam a criação de novas canções do exílio.

Em Budapeste, os conflitos contemporâneos em relação às mazelas urbanas tornam-se perceptíveis na composição da palavra da capital húngara, pois a perspectiva espiritual das primeiras sílabas choca-se com o mal-estar das últimas. Nestas estão embutidas certas pragas modernas como a globalização, ou a necessidade de empestear a cidade com itens da cultura americana como lojas de departamento, shopping centers, Mcdonald's etc.

O narrador teria tudo para limitar sua vida aos sermões da mulher, que o considerava explorado pelo sócio, ou deliciar-se com a leitura de seus artigos por leitores anônimos no bares do Rio, não fossem certos acontecimentos como tornar-se *gost-writer* do alemão Kaspar Krabbe, “um homem de negócios radicado no Rio” e viagens para participar de encontros de autores anônimos. É na volta de um deles, em Istambul, que uma suspeita de bomba a bordo leva José Costa à Hungria, cujo idioma é o único que, “segundo as más línguas, o diabo respeita”.

Enquanto aguarda a solução do problema num hotel, José Costa, que tem um “ouvido infantil que pega e larga as línguas com facilidade”, chega à conclusão de que seria capaz de aprender o idioma que lhe chega entre imagens de noticiários na tevê. Para realizar esse projeto, ela voltará a Budapeste. Ali conhecerá Kriska, mãe de Pisti, que se tornará sua professora de húngaro. Para sobreviver, torna-se revisor de atas do Clube das Belas-Letras.

Depois de várias confusões lingüísticas, José Costa, de volta ao Brasil, ficará sabendo que é Zsoze Kósta, autor do romance *Budapest*, escrito pelo ex-marido da professora, mas do qual não consegue recusar a autoria, pois as palavras já não são capazes de distinguir as múltiplas realidades vividas por quem passara a vida mergulhado na arte do despistamento: “O autor do meu livro não sou eu, emendei, levando a multidão às gargalhadas.”

Precisão descritiva, inserção de diálogo no texto do narrador (sem pirotécias joyceanas) retratos incisivos sobre traços da conduta feminina, detalhes irônicos sobre as relações domésticas, as opulências e as misérias do Rio vistas em elipses, toque de ironia sobre as vaidades que infestam as rodas literárias. Eis alguns componentes, no tocante à linguagem, que o leitor encontrará

nessa nova experiência de Chico Buarque, que parece cada vez mais propenso a trabalhar nesse tipo de criação literária, afastando-se do rebuliço dos palcos. O silêncio, além de arte, é um requisito luxuoso num país de papagaios.

2. Resenha acadêmica:

Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico

Autor	Antonio A. S. Zuin
cidade	São Carlos
editora	Autores Associados
No	2008

Jeová Santana

A escola não sai de cena. Aqui dois aspectos permanentes: as estatísticas sobre os múltiplos fracassos na esfera pública e a mercantilização na área privada na qual os alunos se transformam em clientes, e os conteúdos são dirigidos unicamente para fins vestibulares. E estamos conversados. Lá fora, os banhos de sangue promovidos por jovens desajustados, os quais a escola e a sociedade não conseguiram demover os distúrbios psíquicos. Suas ações, timbradas por lances cinematográficos, alimentam, por algumas horas, a síndrome do espetáculo que rege a imprensa nossa de cada dia, com a devida participação de educadores e psicólogos de plantão. Antônio A.S. Zuin tem direcionado suas baterias acadêmicas para alguns assuntos espinhosos em relação à escola: o ritual do trote, o erotismo entre docentes e discentes, a aplicação da teoria crítica e da psicanálise para entender os fenômenos sanguinolentos em “terras civilizadas”. Neste novo livro, ele não perdeu o tom e analisa um tema ainda morno nas pesquisas acadêmicas: a utilização das sendas cibernéticas, mais particularmente as páginas do Orkut, como o mais novo espaço para que estudantes desovem ressentimentos e frustrações em relação a seus professores.

São apenas três capítulos de uma obra que soa como introdutória para que outros educadores tomem tento para essa nova recusa à convivência que, originada na sala de aula como resultante de uma perspectiva individual, adentra a esfera pública, mais precisamente “nessa terra de ninguém” chamada internet. Para isso, o autor centra sua análise entre duas palavras: “ironia” e “sarcasmo”. Pergunta-se por que a primeira, que sempre esteve nas relações de ensino-aprendizagem como um estímulo para o exercício da crítica e da curiosidade, num pacto entre mestre e discípulo no qual se

estabeleciam limites para não haver opressão de um lado, nem fúria do outro, pôde ser substituída pela segunda. Isso possibilitou que os principais atores envolvidos na esfera escolar acumulassem perdas em relação às práticas de afeto e respeito.

Antes de chegar a uma resposta, Zuin mergulha na história e vai buscar em Sócrates o primeiro grande exemplo do uso da ironia como instrumento de superação, a qual aparece nos diálogos registrados em *A República*, de Platão. Mesmo não apresentando argumentos convincentes, Rousseau o considera um “paradigma educacional”. A força do argumento platônico residiria na extrapolação dos limites da decifração impostos pela esfinge: “a interpretação ou a morte do raciocínio daquele que se motiva a decifrá-la” (p. 2). A opinião do autor de Emilio remeteria para a análise da educação formativa presente nos escritos socrático-platônicos. Essa vertente não pode ser apartada do potencial irônico presente nos diálogos entre dois ícones do pensamento grego, haja vista o fato de a ironia ser caracterizada como mola propulsora de obras filosóficas e literárias. A substituição da ironia, em tempos modernos, pela presença massiva do sarcasmo, implica no empobrecimento do exercício dialógico estabelecido pela primeira, pois se “o foco da investigação dos diálogos socráticos” revela “a dimensão pedagógica da ironia, nota-se a importância de tal conceito” (p. 10).

A substituição de um recurso usado como forma de elevação das relações dialógicas entre professor e aluno, resulta numa prática que só contribui para o aumento da tensão e da desconfiança entre ambos. Quebra-se, assim, o pacto entre os principais agentes do processo educacional para que o período da aprendizagem resultasse no aprimoramento das relações sociais fora do âmbito escolar:

Quando há sarcasmo solapa-se a possibilidade de desenvolvimento do processo educativo/formativo, pois o interlocutor é obrigado a ‘ingerir’, de forma humilhante, determinado significado do conceito que se transforma numa palavra de ordem (p. 10).

Para ilustrar essa transição, Zuin busca dois exemplos socráticos. O primeiro nos diálogos do filósofo, com Trasímaco, sobre o conceito de justiça; o segundo, com Protágoras, em relação ao desafio de saber se a justiça poderia ser ensinada ou não. Esses contrapontos, contudo, não foram realizados sem ranhuras, pois é a lembrança do “humano demasiado humano”, marca do pensamento nietzscheano, que vem à tona nos diálogos socráticos. Eles nos incomodam, pois ficamos sabendo que não “correspondemos ao modelo idealizado – em que detínhamos as prerrogativas da verdade na elaboração de conceitos, e portanto, do modo que eles são objetivados na realidade” (p. 13).

Essa prática, porém, montada entre raciocínios, argumentações, réplicas e tréplicas permitia que o discípulo se tornasse mais preparado para enfrentar as misérias do mundo. Nesse caso, o educador funcionaria como uma espécie de “parteiro espiritual

que estimularia o interlocutor a partir o conhecimento que lhe era inerente” (p. 16). Esse movimento ultrapassou instâncias e tem ecos na força reflexiva de Kant e seus imperativos categóricos e sua recomendação para o indivíduo “ousar saber”.

É essa herança “do aspecto educacional/formativo da Paidéia socrática” que, segundo o autor, não pode ser apagada da base educacional em nossos tempos. A linha tênue entre ironia e sarcasmo, que se depreende dos diálogos entre o filósofo e seus discípulos, estabeleceu a idéia de um educador ideal, criada à sua revelia. Mas o discurso filosófico questionava esse princípio ao criticar os sofistas, que se viam como detentores da “essência da virtude”. Infelizmente só a última destas palavras-chave ocupa lugar no cotidiano das salas de aula:

(...) a ironia socrática pode suscitar os novos princípios que se desvelam no jogo da alteridade entre significados e significantes das palavras, como também pode ceder espaço à fala sarcástica que consagra a vontade de poder daquele que destrói a argumentação do outro por meio da humilhação e do destrato (p.23).

É no segundo capítulo que Zuin demonstra como essa separação se tornou mais aguda. Para isso, ele volta outra vez no tempo e observa que o domínio do discurso centrado no professor esteve atrelado a outras formas de dominação: a exigência da disciplina e da submissão motivadas pela “aplicação de instrumentos punitivos”. Esse dispositivo está na base da rejeição à imagem do professor cuja gênese, na Grécia antiga, se deu na formação da palavra pedagogia, vinda de paidagogos – o escravo vencido nas batalhas que tinha por missão controlar e guiar o aluno.

O desprestígio atravessa o tempo. Mais tarde é a valorização do guerreiro que, segundo Adorno, terá maior prestígio entre as crianças em lugar daquele que detém o conhecimento, mas não se destaca nas manifestações da força física. O professor sente-se, então, incomodado por perceber que é submetido à manipulação de quem verdadeiramente pode mudar os rumos da sociedade. Aí se instaura o conflito, pois o professor recebe o aval para punir os alunos, mas sem o uso da força física, “atribuição esta dos aparelhos repressores e que é internamente invejada por ele” (p. 41).

O autor amplia o raio da discussão para ver, nesse paradoxo, o reflexo da própria condição da sociedade contemporânea ao estabelecer relações de dominação que produzem as discrepâncias sociais. A liberdade e a igualdade prometidas pela sociedade capitalista não se cumprem, e o reflexo disso se espalha em todas as instâncias em que se dêem as relações humanas. Nesse sentido, as escolas de massa, consolidadas durante o período manufatureiro, cumpriram o papel de sedimentar a submissão por parte do aluno mantido sob as marcas da disciplina, da pontualidade e das ordens dos professores. É nesse período, ainda, que acontecerá uma mudança substancial na ordem escolar, mas não menos problemática: a substituição dos castigos

físicos pelos psicológicos.

Essa mudança já tinha sido enfocada por Comênio em sua obra *A didática Magna*, ou *Tratado Universal de ensinar*, ao destacar que o elogio, a repreensão, o medo da humilhação perante os colegas surtiriam mais efeito que todas as pancadas. Não havia, contudo, nenhuma intenção pueril na proposta desse pioneiro das causas educacionais, “pois o vexame era justificado em nome da busca da eficiência, ou seja, a palavra de ordem do capitalismo incipiente e que (sic) ressoava tanto nas relações materiais quanto na filosofia” (p. 45). Essa perspectiva fica mais clara no pensamento de Bacon ao destacar que o conhecimento humano deveria ser canalizado para algo prático, útil, “em detrimento da metafísica e do silogismo aristotélico” (idem, p. 45).

Ainda nessa linha produtivista, encaixa-se a forma como objetos e alunos viriam a ser dispostos em sala de aula, a qual permitiria “o olhar ‘classificador’ do professor que pode rotular o aluno” (idem, p. 46), e assim dimensionar melhor o tempo de aprendizagem, o que transformaria escola, segundo Foucault, numa “máquina de ensinar”. Na prática isso resultou no clima de desconfiança e indiferença entre os elementos envolvidos na sala de aula. Os professores preocupados apenas com a racionalidade de seus ensinamentos e com a objetividade das questões; os alunos marcados pela frustração ao perceberem o desaparecimento da imagem inicial que tinham de seus mestres. Para ilustrar essa tensão, o autor retoma o exemplo literário analisado por Adorno no ensaio “Tabus a respeito do professor”: o livro *Professor Unrat*, que foi traduzido como *O anjo azul* em virtude da adaptação para o cinema, a qual teve a atriz Marlene Dietrich como destaque.

Nessa perspectiva crítica, Zuin abre mais um tópico crítico ao abordar o resultado dessa tensão: o aluno que se identifica com o “professor-agressor”. Busca o auxílio de Freud para iluminar uma questão que extrapola os limites do universo escolar, já que é resultante das próprias condições do estágio “civilização” em que nos encontramos. Nessa linha, o fundador da psicanálise questiona a ação pedagógica que pretende levar o jovem para o caminho da ética, sem que a ele seja dada a chance de se manifestar perante “a sensação do mal-estar vinculada a um tipo de imperativo religioso: ‘amarás o teu próximo como a ti mesmo’” (p. 53).

Essa crítica tem o reforço do pensamento sempre aguçado de Adorno em relação às práticas educacionais. Ele questiona a condição prerrogativa para que alguém possa decidir os destinos da educação alheia. Nesse caso, Zuin mostra afinidade com esse expoente da escola de Frankfurt, mas imprime a marca de um estilo crítico, resultante do embrenhar-se nas muitas veredas da escola moderna: Essa crítica remete à lembrança de que é inútil traçar modelos padronizados relativos aos desejos de que a experiência formativa

se desenvolva mecanicamente nos alunos. Ora, se a experiência formativa não pode ser garantida pela mera frequência nos cursos, tampouco pode ser obtida por meio de qualquer tipo de atitude impositiva por parte do mestre (idem, p.56).

Esse conflito, tema do último capítulo, originou um novo fenômeno: as comunidades nas páginas do Orkut que têm como alvo atingir professores. O autor afirma ter encontrado mais de mil delas, a grande maioria com uma característica em comum na agressividade verbal e no chamamento para que outros façam parte desta “ação coletiva”. É nesse novo espaço, amparados por uma margem de liberdade única e protegidos pelo anonimato, que os alunos encontraram o meio de manifestar, a sua maneira, o sarcasmo presente no discurso do professor na ambiência da sala.

Para o autor, porém, esse fenômeno não está desligado, mais uma vez, das condições dos jovens nas sociedades em que estão inseridos: suas dificuldades de identificação, perdas de valores, inversões, tais como “adultização” da infância e “infantilização” do adulto (no caso brasileiro, tem-se na “marca” Xuxa o melhor exemplo desta hibridização).

Em meio ao tom da violência verbal, Zuin encontrou pequenas ilhas em que são manifestas intenções de afeto, ou mesmo eróticas, na relação entre professores e alunos. Num dos depoimentos recolhidos, percebe-se a complexidade da questão e, quiçá, também a porta de saída para revertê-la: “Não temos nada contra o nosso professor querido, mas se ele fosse mais humano talvez nós iríamos gostar mais dele!” (p. 102).

Há algumas questões que não estão no livro, mas que podem suscitar novos trabalhos, tais como o de se identificar a classe social dos alunos que criam essas comunidades; incluir na pesquisa os pertencentes a outras instâncias educacionais – por exemplo, os de curso técnico em relação aos seus professores; mapear essas mesmas relações em concentrações urbanas de menor porte. O trabalho de Antônio A.S. Zuin contribui para chamar a atenção para um problema que surgiu sob o frêmito das novidades midiáticas e vem se somar às muitas mazelas da educação contemporânea. Afinal, mudam-se os tempos, mas o mal-estar em relação à escola só muda de endereço.

São perceptíveis as diferenças entre o primeiro e o segundo texto quanto à estruturação. A resenha jornalística tende a ser mais leve, mais rápida, mais fluida. A acadêmica, embora também possa ser vazada em uma linguagem de igual teor, pretende trazer mais fundamentos sobre o texto lido. Apesar da brevidade, ambas procuram afinar-se com a proposição de que “a crítica literária tem buscado um instrumental adequado para a análise de textos para fugir das interpretações impressionistas, das exposições subjetivistas” (MEDEIROS, 2004, p. 161). Da mesma forma, enquadram-se nessa perspectiva analítica estabelecida por Fiorin e Platão: “resenhar significa fazer

uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem” (MEDEIROS, 2004, p. 162). Devemos lembrar que o objeto a ser resenhado não se limita ao campo da literatura. Filmes, CDs, peças de teatro, shows, jogos de futebol, também podem ser analisados criticamente. Em termos básicos, assim deve se configurar a resenha:

A resenha que, além de aspectos descritivos, apresenta julgamento ou apreciação, notas e correlações estabelecidas pelo Juízo crítico de quem a elaborou é chamada por Platão e Fiorin de resenha crítica. A estrutura da resenha descritiva de um texto seria:

- nome do autor (ou dos autores)
- título e subtítulo da obra (livro, artigo de um periódico);
- se tradução, nome do tradutor;
- nome da editora;
- lugar e data de publicação da obra;
- número de páginas e volumes;
- descrição sumária de partes, capítulos, índices;
- resumo da obra, salientando objeto, objetivo, gênero (poesia, prosa, dramaturgia, ensaio literário, político);
- tom do texto;
- métodos utilizados (como o autor construiu sua obra);
- ponto de vista que defende (MEDEIROS, 2002, p. 163).



ATIVIDADES

Escolha um dos autores e obras analisados aqui e elabore uma resenha jornalística (uma lauda e meia). Depois de escrevê-la, leia-a para seus colegas e peça a opinião deles.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Começa pela resenha jornalística, devido a sua extensão, é uma boa forma de ir treinando e pegando o jeito até chegar à resenha acadêmica. Aproveite para ir aperfeiçoando sua escrita e sua análise crítica. Lembre-se que o texto deve ser opinativo, apontando os altos e baixos da obra escolhida, objetivo e destituído de “achismos” (“eu acho”). No caso de romances, procure ser sintético quanto às informações biográficas do autor e não se estenda em demasia sobre seu enredo. Ou seja, não “reconte” a história para o leitor.

CONCLUSÃO

A resenha é um texto crítico que circula no meio acadêmico ou jornalístico e tem como finalidade apresentar um juízo de valor sobre determinado objeto. Este não deve se limitar ao mundo dos livros. Outras formas de manifestação artísticas também servem como material analítico. A prática da resenha deve ser feita aos poucos para que se possa adquirir condições para se escrever sobre temas de áreas específicas.

Resenhar não é apresentar um resumo da obra, nem transcrever seus trechos. É preciso ter habilidade para se construir argumentos, deixando-se de lado tanto os elogios rasgados quanto a crítica injusta, descabida, exagerada. Para se construir uma resenha deve-se atentar para certos parâmetros estruturais e estar atento às normas que a ABNT dirige a esse tipo de produção.



RESUMO

Dentre os textos usados como forma de investigação crítica, a resenha é um dos mais importantes. No âmbito acadêmico, a constância do seu uso serve como preparação para textos mais densos, tais como os exigidos nos Trabalhos de Conclusão de Curso, na graduação, ou nas dissertações e teses da pós-graduação. Além disso, ao ser feita no espaço do jornalismo pode servir de mediação entre públicos distintos, além de servir como instrumento de divulgação da produção acadêmica. Para melhorar a habilidade crítica de um resenhista, existem boas fontes de consultas, tais como os cadernos culturais dos jornais Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, revistas Cult, Língua Portuguesa, Revista Brasileira de História da Educação, e Teresa: Revista de Literatura Brasileira e sites como Cronopios e Verdestrigos.

REFERÊNCIAS

- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos.** 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- SANTANA, Jeová. **Revista Brasileira de História da Educação.** n°. 21. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- _____. www.chicobuarque.com.br. 2003.